

MELHOR GESTÃO REDUZ BUROCRACIA

Startups desenvolvem soluções, como canais entre a população e o setor público e lista de preços, que ajudam nas compras governamentais

Um aplicativo que encaminha sugestões e reclamações de moradores aos administradores de cada área da cidade, sem intermediários. Uma base de dados com milhares de preços de produtos para servir de referência a novas licitações públicas. Um programa que organiza as informações sobre a população mais carente dos municípios, auxiliando na elaboração das políticas sociais e evitando desvios na concessão de benefícios.

A rigor, todas estas ações, voltadas à melhoria do serviço prestado à população, poderiam ser adotadas diretamente pelos órgãos públicos – caso eles não enfrentassem os costumes e entraves burocráticos, além da dificuldade de capacitar funcionários para novas tarefas. A boa novidade é que cada vez mais gestores públicos estão se valendo de ferramentas tecnológicas originais, desenvolvidas por startups, para desatar os nós administrativos.

Essas pequenas empresas dedicadas a facilitar a vida de administradores públicos são as govtechs – responsáveis, aliás, por muitas das realizações apregoadas por prefeitos em busca de um novo mandato nas recentes eleições. As primeiras govtechs surgiram no Brasil em 2013, ainda timidamente, inspiradas em experiências estrangeiras de sucesso, sobretudo na Estônia, o país que inaugurou essa modalidade de serviço 15 anos atrás. Hoje, elas já são cerca de 1,5 mil no país, de acordo com uma pesquisa da aceleradora BrazilLAB em parceria com o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), divulgada no fim de setembro.

Deste total, o estudo estima que 27% das govtechs

estão em plena operação – com ritmo de crescimento anual de dois dígitos – e 32% delas em fase de consolidação, assinando os primeiros contratos com órgãos públicos, sobretudo prefeituras. “Essas startups levam um certo tempo para se firmarem no mercado, porque a grande maioria depende de recursos próprios dos fundadores no início. Das 135 govtechs que participaram do nosso levantamento, 38% começaram com um capital pequeno, entre R\$ 100 mil e R\$ 200 mil”, explica Letícia Piccolotto, presidente do BrazilLAB.

Fundado em 2015 por Letícia e seu sócio Guilherme Dominguez, o BrazilLAB é um hub de inovação dedicado a conectar pequenos empreendedores com o poder público, financiado por dois bancos (Itaú e Bank of America) e várias fundações lideradas por empresários do porte de Jorge Paulo Lemann (Anbev) e David Feffer (Suzano). A trajetória do BrazilLAB ilustra bem a tendência de multiplicação das govtechs nos últimos anos: até 2018, havia ajudado 27 dessas startups a levantar voo; hoje o total de empresas aceleradas já é quatro vezes maior. “E há cerca de três mil inscrições para avaliação no nosso programa de mentoria”, acrescenta Letícia.

Uma das govtechs que decolaram é a Gesuas, que desenvolveu um software para organizar as informações sobre comunidades carentes que dependem de assistência social. “Nosso sistema reúne um grande número de dados para dar um retrato detalhado dessas famílias. Onde moram, quantos trabalham ou não, se recebem cesta básica, se tiveram registros de trabalho infantil ou violência doméstica etc. Com base nesse cadastro, os gestores ganham tempo, sabem quantas pessoas

precisam atender e onde agir com prioridade”, afirma Igor Guadalupe, fundador da startup.

Com a situação de emergência social provocada pela pandemia de covid-19, o número de famílias que passaram a depender de benefícios oficiais aumentou, levando as prefeituras e outros órgãos a procurar a ajuda da Gesuas. “De janeiro para cá assinamos dez contratos novos”, informa Guadalupe. Fundada em 2013, a govtech dele atendia 24 municípios em 2017, ano em que faturou R\$ 230 mil. Depois disso, passou a crescer exponencialmente, registrando receitas de R\$ 600 mil em 2018, R\$ 930 mil em 2019 – e espera fechar este ano com R\$ 1,6 milhão. Atende 101 municípios distribuídos por 14 Estados.

“Entendi que esse era um mercado promissor e ainda inexplorado, onde valia a pena investir. E continua sendo assim, pois quase metade dos brasileiros sobrevive com menos de meio salário mínimo por mês”, observa o empreendedor, com base na Pesquisa Nacional de Análise de Domicílios Contínuo (Pnad Contínua), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018.

O estudo sobre as govtechs, feito pelo BrazilLAB com o CAI, destaca justamente a falta de grandes investidores em um mercado com tanto potencial. “Somente o governo federal empenhou, ao longo de 2018, mais de R\$ 4,4 bilhões em tecnologia da informação, incluindo equipamentos e serviços. Além disso, há estimativas de que o mercado de govtechs possa representar US\$ 1 trilhão até 2025 no mundo todo”, escreveu no relatório do estudo Guilherme Dominguez, diretor do programa de aceleração do BrazilLAB.

As govtechs brasileiras atuam principalmente no aprimoramento da gestão (28%), da educação (17%) e da saúde (11%) – um resultado previsível, uma vez que cerca de 70% das escolas e 90% dos hospitais brasileiros são mantidos pelo poder público, que precisa ser bem gerido para dar conta das responsabilidades. As áreas de atuação mais exploradas a seguir são: segurança (8%), mobilidade (7%), meio ambiente (7%), habitação (4%) e saneamento (2%). A maior parte dessas startups (53%) está estruturada na venda de softwares como serviços (SaaS), enquanto 7% estão focadas em mercado, outras 7% no comércio eletrônico, 6% na venda de dados e as demais em outros modelos de negócio.

A Colab, outra das pioneiras, faz sucesso com um aplicativo que conecta os moradores diretamente com o prefeito ou o administrador responsável por uma área da cidade para relatar um problema ou sugestão. A men-



EM INOVAÇÃO

sagem, que sempre deve ser enviada junto com uma foto, agiliza as providências necessárias para tapar um buraco de rua, cobrir o corte de uma árvore ou remover lixo acumulado em uma praça – caso contrário, a omissão do responsável ficará aos olhos de todos. Com essa proposta, a Colab ganhou da Organização das Nações Unidas (ONU) o reconhecimento de ter desenvolvido um dos melhores aplicativos urbanos do mundo, o que chamou a atenção da aceleradora Comunitas (apoiada por empresas como Getául, Santander, BRF e Vivo), que a fez deslanchar.

Há exemplos de toda ordem entre as govtechs. A Eo Ensino é voltada à capacitação de professores e coordenadores pedagógicos, por meio de vídeos, artigos e outras atividades on-line. A Fleeter App se propõe a racionalizar o uso de frotas públicas, com um sistema digital de acompanhamento das demandas e disponibilidades de transporte, economizando tempo, combustível e até veículos. ANTI oferece um laboratório virtual de robótica para estudantes. A Up Saúde desenvolveu uma plataforma de telemedicina para médicos e psicó-

Letícia do BrazilLAB: tempo para startups se firmarem